
Interação remota na Educação Infantil: os desafios comunicacionais na práxis docente¹

Roberta SOLEDADE²
Tatiana LUZ-CARVALHO³

Universidade de São Paulo, São Paulo - SP

RESUMO

A pandemia de Covid-19, que atravessou o Brasil no ano de 2020, implicou no fechamento dos espaços físicos escolares e na consequente inserção abrupta das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na realidade de professores, alunos e famílias. A partir dos referenciais teóricos da Educomunicação, este artigo pretende colocar em diálogo pesquisas recentes sobre a educação remota com foco na práxis docente na Educação Infantil. Neste breve estudo, discutimos alguns desafios comunicacionais demonstrados nas pesquisas, como o despreparo docente para atuar na interface Educação/Comunicação e as adversidades e potencialidades da relação escola-famílias. Mirando os eixos interação, brincadeira e cuidado, das DCNEI e BNCC, procuramos trazer algumas reflexões e possibilidades de enfrentamento para tais desafios, a partir do uso das TDIC nos processos educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; educação remota; Educação Infantil; Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

INTRODUÇÃO

O momento pandêmico, em virtude do novo Coronavírus, que atravessa o ano de 2020 faz emergir com maior vigor uma série de problemáticas já existentes na educação brasileira, como a desigualdade entre o sistema educacional público e o privado, os impactos da falta da merenda escolar para a população de baixa renda, a ausência de políticas públicas para democratização do acesso à internet, a desatualização na formação docente em relação ao uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem entre outras questões. Discussões adormecidas se fazem efervescentes no cenário atual, não somente devido à pandemia, mas também como consequência do crescente projeto de sucateamento de escolas e universidades públicas do país, em decorrência das escolhas políticas dos últimos governos, como reduções gradativas no orçamento para a educação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisadora do MECOM, e-mail: roberta.soledade@usp.br.

³ Mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisadora do MECOM, e-mail: luzcarvalho.tatiana@usp.br.

e desvalorização da ciência. Neste contexto de desalento, revisitamos utopias e distopias para o enfrentamento da realidade e compreensão crítica das estratégias de conservação da ordem social que estão em curso, reconhecendo a complexidade desse desafio.

As propostas e implantações de mudanças não são homogêneas, pois, a sociedade é composta por elementos heterogêneos, muitas vezes com divergentes aspirações. Sendo assim, movimentos de oposição ou de readequação do que se pretende implantar, por parte da sociedade se contrapõe ao desejo de outra parte, embora exista um ponto comum: o desejo de um movimento para alcançar um melhor lugar impulsionado pela utopia, mesmo que as expectativas e anseios sejam distintos (SALES et al, 2020, p. 34).

Como afirma Darcy Ribeiro (1995), vivemos em “Brasis” dentro do Brasil, no qual claramente observamos diferentes realidades sociais e culturais separadas, muitas vezes, por muros em um mesmo bairro⁴. Nessa perspectiva, a desativação de parte da operação escolar (o espaço físico e as estratégias para aulas presenciais) significou um aprofundamento de desigualdades educacionais seculares que assolam o país.

De modo geral, o impedimento da presença no espaço físico da escola trouxe urgência na busca por opções para continuidade da prática escolar, o que levou à inserção abrupta de soluções maquínicas na realidade de professores e alunos. E em um curto espaço de tempo, o presencial foi em sua totalidade substituído pelo virtual, o que ressignificou processos de ensino e aprendizagens e, em alguns casos, os inviabilizou⁵. Enquanto alguns estudantes conseguem ter acesso a uma educação remota emergencial de qualidade, outros ainda sofrem com a falta de acesso à internet, dispositivos (computador, celular etc.) e merenda.

Neste contexto, a educação remota emergencial no Brasil pode ser observada e estudada a partir de muitas perspectivas, visto sua complexidade. Obviamente, o olhar para a rede privada de ensino reflete uma realidade que não pode ser comparada - sem a devida cautela - com a da rede pública, porém, verificamos por meio de pesquisas recentes que há convergências na preparação docente e nas soluções ofertadas para o alunado tanto na esfera pública, quanto na privada. E, diante das inúmeras possibilidades analíticas, neste artigo buscamos uma mirada para a práxis docente nas primeiras séries da educação básica, no que tange aos processos educacionais e pedagógicos mediados por dispositivos tecnológicos.

⁴ Reportagem da Folha de São Paulo: “Antes invisíveis, agora Morumbi quer muros reais com Paraisópolis”. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2020/07/14/antes-invisiveis-agora-morumbi-quer-muros-reais-com-paraisopolis/>. Acesso em 04 de out. de 2020.

⁵ Segundo o TIC Domicílios 2018, 33% dos lares brasileiros não têm acesso à internet, sendo que 30% dos que têm acesso, não têm computadores (desktop, notebook ou tablet).

Os referenciais utilizados resultaram de um levantamento sobre estudos atuais realizados por grupos e institutos de pesquisa, o que fornece dados que colaboram com o objetivo deste artigo de, por meio da análise crítica e investigativa, fazer um recorte sobre os usos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na prática de ensino com o alunado dos primeiros anos escolares. A partir desse contexto, interessa-nos sugerir caminhos possíveis, pelo olhar educ comunicativo, para o enfrentamento desses desafios presentes na interação remota na Educação Infantil⁶.

Educomunicação: interface crítica de análise

De acordo com Soares (2010), a Educomunicação é a interface que tem por objetivo criar e desenvolver “ecossistemas comunicativos”, qualificados como abertos e criativos, em espaços educativos. Nesse contexto, para Baccega (2011), ao reconhecermos os meios de comunicação como uma agência de socialização, em conjunto com a família e a escola, temos a constituição do campo educação/comunicação, que propõe, justifica e procura pistas para o diálogo necessário entre essas três agências. Segundo a pesquisadora:

Nesse campo se constroem sentidos sociais novos, renovados, ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas. Tudo isso ocorre num processo dialógico de interação com a sociedade, lugar de práxis que desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança. A constituição do novo nunca se poderá dar sem que os *resíduos* do *velho* estejam presentes. A ruptura total nunca acontece. (BACCEGA, 2011, p. 31)

A partir da compreensão de que os meios de comunicação desempenham um papel educativo fundamental na interpretação do mundo, seja pela seleção de temas, repetições ou apagamento de pautas, induções por algoritmos, *fake news*, entre outras formas de veicular informações e os objetivos ideológicos envolvidos, podemos superar a discussão simplista que reduz a educomunicação ao uso das tecnologias na educação.

Para Citelli (2019), a realidade da sala de aula ainda permanece carente de reflexões que ampliem o olhar dos alunos para além do uso técnico das mídias, pois já não são poucos os casos de persuasão e manipulação de dados:

(...) a “cultura operacional” não deveria passar a largo das escolas, afinal também pertence a elas o desafio de incorporar a dimensão histórica, social, política, ideológica, que acompanham as técnicas e as tecnologias. Reside neste movimento a diferença entre ensinar o “manuseio” e abrir o debate qualificado

⁶ Entendendo a Educação Infantil como as séries voltadas às crianças de 4 e 5 anos, como consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) desde 2013.

sobre o lugar dos objetos na vida societária: computador, celular e tablete não são apenas máquinas, mas expressões materiais do labor humano. (CITELLI, 2019, p. 327)

Como sinaliza Citelli, a realidade pulsante no cotidiano dos sujeitos pode promover a abertura para novas e necessárias reflexões acerca de questões que coloquem o ser humano no centro das discussões, e não o olhar maquínico que situa as tecnologias como protagonistas no processo de construção da aprendizagem.

Martín-Barbero (2014) traz a noção de que o ecossistema comunicativo pode ser caracterizado de duas formas: difuso e descentrado. A primeira por serem formados por uma mistura de linguagens e saberes que circulam por diversos dispositivos midiáticos intrinsecamente interconectados. A segunda pelo fato de os dispositivos midiáticos irem além dos meios que tradicionalmente vêm servindo à educação que são a escola e os livros. Portanto, os avanços tecnológicos e seus reflexos na educação tradicional precisam se reconfigurar para ajustar-se às “deslocalizações” e “destemporalizações” propostas pelos novos tempos.

Como podemos verificar nesse momento pandêmico, há tentativas de instituições escolares de incorporarem as possibilidades que o mundo digital oportuniza para manter o fluxo das aulas, contudo, é preciso ter atenção para como esse movimento tem sido realizado, o que se tem priorizado e quais os resultados obtidos. E é sob o cabedal teórico da Educomunicação que analisaremos as pesquisas sobre os desafios da comunicação na educação remota direcionada para a interação com a Educação Infantil.

Pesquisas e reflexões sobre a educação remota emergencial

A alteração na rotina escolar foi e continua sendo uma das graves consequências da pandemia global. Ao mesmo tempo que muitas famílias tiveram que readequar drasticamente a rotina profissional e doméstica, nas escolas emergiu a urgência para os professores adotarem recursos digitais como alternativa para continuidade do ano letivo. Desse modo, pensar hoje na educação remota é pensar na práxis docente centrada na produção adaptativa emergencial dos conteúdos para os meios digitais, tais como: gravação e edição de materiais audiovisuais; videoconferências; participação em redes sociais; recebimento e envio de mensagens; curadoria de recursos digitais disponíveis em sites educacionais abertos, entre outros.

Segundo o Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, em uma pesquisa realizada no início da pandemia⁷, em parceria com a UNESCO do Brasil e o Itaú Social, “quase 8 em cada 10 professoras afirmaram fazer uso de materiais digitais via redes sociais como estratégia educacional” (2020, p. 2). Além disso, 29,8%, dos 14.285 docentes entrevistados, realizaram a transmissão de aulas ao vivo e 47,5% deles utilizaram materiais disponíveis nos sites das Secretarias de Educação.

Um estudo realizado pelo Instituto Península⁸ complementa os dados citados anteriormente, pois, de acordo com os quase 8000 professores entrevistados, entre os meses de abril e maio, 83% deles utilizaram o aplicativo *Whatsapp* para comunicação com os alunos; 44% adotaram as redes sociais; 34% interagiram em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA); 25% usaram e-mail; 21% se comunicaram por telefone e 7% fizeram uso da plataforma *Youtube*.

Vale ressaltar que os dados da pesquisa abarcaram professores do Ensino Básico como um todo (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) de escolas públicas e privadas. No entanto, sabemos que o alunado da Educação Infantil possui particularidades diante do cenário descrito, tal como, provavelmente, não estar conectado às redes sociais. O que representa um obstáculo comunicacional na relação professor-aluno, sendo preciso contar com o apoio dos pais e/ou responsáveis durante as comunicações e aulas remotas. De acordo com a pesquisa da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), que entrou em contato com 206 escolas privadas de 74 municípios do estado de São Paulo, para os pais de alunos da Educação Infantil, há uma alta demanda de tempo para realizarem as atividades escolares junto aos filhos, com 64% dos respondentes afirmando passar de uma a três horas realizando atividades pedagógicas remotas. Diante dessa realidade, podemos reconhecer o papel dos pais e responsáveis como mediadores dos meios de comunicação, absorvidos no tempo de duração das aulas. Mas estariam as famílias preparadas para essa atuação? Os professores estariam preparados para lidar com a presença dos pais durante as aulas?

Diante dos desafios comunicacionais expostos, é importante notar outro dado da pesquisa do Instituto Península que sinaliza que a manutenção do contato com os alunos da faixa etária de 4 a 5 anos é uma realidade de pouco mais da metade dos docentes

⁷ A pesquisa abarcou respondentes de todas as unidades da federação brasileira, tendo maior adesão no Sudeste, seguido do Nordeste. A coleta de dados foi realizada entre 30 de abril e 10 de maio de 2020.

⁸ Pesquisa realizada em três fases durante o ano de 2020, intitulada “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil”.

entrevistados: 53% dos professores de Educação Infantil disseram que não mantêm contato com as crianças. Esse dado mostra diferenças entre as redes de ensino, pois a rede privada tem conseguido manter maior contato que a pública.

A participação e o acompanhamento obrigatório dos pais e/ou responsáveis durante as aulas, mesmo que de forma indireta, apresenta uma novidade na relação escola-família, como mapeado na percepção dos professores em relação à valorização da carreira docente durante a pandemia. Dos docentes entrevistados na terceira fase⁹ da pesquisa do Instituto Península, 72% disseram ter a percepção de valorização docente, dada a proximidade das famílias com a rotina de atividades diárias dos alunos, dando visibilidade sobre os desafios da vivência em sala de aula. De forma convergente, quase metade, 45,6%, dos professores entrevistados na pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas indicaram um aumento da relação escola-família.

A pesquisa realizada pelo grupo MECOM¹⁰ pertencente à Escola de Comunicação e Artes da USP, entre os anos de 2018 e 2019, portanto, período que antecedeu à pandemia, evidenciou o despreparo dos professores em relação à interface educação e comunicação. Esse estudo investigativo com larga amplitude geográfica intitulado “Inter-Relações Comunicação e Educação do Ensino Básico”, o qual envolveu 509 professores da educação básica em 23 das 27 unidades da federação brasileira, revelou que, embora a maior parte dos docentes, 94%, vejam a relação entre escola e meios de comunicação como complementar, apenas 28% cursou alguma disciplina voltada ao estudo da comunicação na educação durante a formação docente (cursos de graduação/licenciatura). Um número considerável de respondentes, 65%, nunca realizou nenhum curso de formação continuada para o trabalho com os meios de comunicação em sala de aula.

Outro dado revelado na pesquisa do Instituto Península que reforça os dados levantados pelo MECOM é que, após seis semanas de isolamento social, 83,4% dos professores, tanto da rede pública quanto da privada, revelaram que não se sentiam preparados para o ensino remoto e 49% do quadro docente entrevistado alegou falta de

⁹ A terceira fase foi realizada entre 20 de julho e 14 de agosto de 2020, contando com mais de 3.800 professores de todo o país.

¹⁰ MECOM. Mediações educacionais. Grupo de pesquisa apoiado pelo CNPq e baseado no Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. Pesquisadores associados: Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes, Dra. Edilane Carvalho Teles, Dra. Eliana Nagamini, Dra. Elisângela Rodrigues da Costa, Dra. Helena Corazza, Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida, Dr. Rogério Pelizzari de Andrade, Dra. Sandra Pereira Falcão, Ms. Suéller Costa; Ms. Wellington Nardes. Doutorandos: Ms. Douglas Calixto, Ms. Gláucia Silva Bierwagen, Ms. Michel Carvalho da Silva. Mestrandas: Roberta Takahashi Soledade e Tatiana Garcia Luz de Carvalho. Iniciação científica: Rafaela Treib Taborda.

formação como um desafio para ensinar remotamente. Mesmo os professores com experiência e robusta formação em tecnologias e ensino à distância alegaram serem “pegos de surpresa”. Certamente, a adoção de uma ou outra estratégia didático-pedagógica para os meios digitais, previamente planejadas no currículo escolar, não significa que o professor esteja capacitado para a substituição de 100% das aulas presenciais.

O fato de que a maioria dos professores brasileiros não se sente preparada para o ensino à distância está ligado a outro dado descoberto pela pesquisa: 88% deles afirmaram que nunca tinham dado aula de forma virtual antes da pandemia. No entanto, com seis semanas de isolamento, a realidade mudou quase nada devido à pouca oferta de treinamento e apoio das instituições e redes de ensino: 55% não tiveram qualquer suporte ou capacitação durante o isolamento social para ensinar fora do ambiente físico da escola. Os professores se sentem despreparados para o ensino virtual, mas o interesse é latente: 75% gostariam, sim, de receber apoio e treinamento neste sentido. (INSTITUTO PENÍNSULA, 2020)

A pesquisa do MECOM, realizada pré-pandemia, trouxe um dado similar sobre o interesse dos docentes na participação em cursos de formação continuada voltada aos meios de comunicação. Mais de 70% dos professores entrevistados tinham interesse em complementar a sua formação sobre a interface educação e comunicação.

Os dados, até então explorados, apontam para a urgência da formação dos docentes para lidar com as novas tecnologias digitais de informação e comunicação no seu fazer profissional. Cabe aqui um alerta, tal formação se restrita à camada técnica de proficiência no uso dos dispositivos não resolve a questão como um todo. O domínio das ferramentas é importante, especialmente em tempos de educação remota, mas o uso sem a intencionalidade pedagógica e a reflexão sobre a cultura digital em que o aluno está inserido acabam empobrecendo a experiência de aprendizado.

Resulta evidente plantearse que no son las tecnologías por sí mismas las que aumentan la brecha digital, sino que en muchas ocasiones los propios docentes carecen de las competencias necesarias para desarrollar dinámicas de trabajo que favorezcan su aprovechamiento (BONILLA-DEL-RIO et al, 2018, p. 81).

Em consonância com a pesquisa do MECOM, os dados Instituto Península demonstraram um crescimento significativo na maneira como os docentes enxergam o papel das tecnologias no processo de aprendizagem dos alunos, o número de subiu de 57% (antes da pandemia) para 94% (no segundo semestre de 2020). Esses dados não surpreendem, pois mediante o contexto da pandemia, a ressignificação das tecnologias na educação formal ocupa um lugar de reflexão diária, sobretudo para os professores, pois o que antes só era legalmente permitido para a formação técnica, superior, livre e de

extensão, hoje está presente em todas as séries escolares como meio possível de manter os processos de ensino e aprendizagens, garantindo, também, a segurança de alunos e funcionários da escola. Cabe questionar o quanto essa valorização do papel das tecnologias no processo de aprendizagem dos alunos pode refletir em um compromisso mais inteiro e crítico com as culturas digitais infantis, e não só na tentativa de embelezamento de antigas propostas com o brilho do digital (BUCKINGHAM, 2010, p. 47).

Durante os últimos meses, muitas certezas de educadores, discentes e famílias têm sido colocadas em suspensão, como o próprio conceito de composição da “aula”. O que antes poderia significar um encontro presencial de 50 minutos com atividades síncronas, se transposto nos mesmos termos ao modelo remoto, corre-se o risco de não alcançar o objetivo proposto. As distinções entre o presencial e o remoto não se configuram uma novidade, dado que na longa trajetória da Educação à Distância no Brasil, aprendemos que aula se configura como um conjunto de recursos intencionalmente escolhidos (que pode ou não contar com um encontro síncrono) para se alcançar os objetivos de aprendizagem junto aos alunos, tendo em vista, por exemplo, a “deslocalização” e a “destemporalização”

Assim, mimetizar a carga-horária e estratégias do modelo educacional presencial, mantendo estudantes presos às telas por cinco/seis horas diárias em encontros síncronos, ou enviando videoaulas extensas, ignorando todas as peculiaridades do novo contexto, se mostra uma perda de oportunidade para repensar o processo educativo por meio das potencialidades da comunicação virtual. Portanto, é preciso ter o olhar distintivo para o que são os meios e o que são as possibilidades de educação para e com os meios. Conforme o pesquisador Mill (2010) “A incorporação das tecnologias digitais no âmbito da educação traz implicações diversas e, em muitos casos, as inovações tecnológicas são confundidas com inovações pedagógicas.”(p.43).

Do ponto de vista didático-pedagógico, a educação remota, em função da pandemia, parece ter concedido uma “licença poética” para que o uso de estratégias reconhecidamente ultrapassadas na educação à distância voltasse a ser aceitas com naturalidade no processo de ensino. Valente (2010) já apontava que o desafio da educação, de um modo geral, e em particular da EAD, está em criar condições para que, além da transmissão de informação, o processo de construção de conhecimento também ocorra.

O desafio parece ser ainda maior para as séries iniciais da Educação Básica, que tiveram perdas inegáveis com a falta da presencialidade. A interação remota é uma solução temporária, mas que se estende já há meses, dessa forma, não é possível apenas aguardar o retorno, mas faz-se necessário pensar em como usar os canais de comunicação online não só para transmitir falas, mas interagir, gerar proximidade, dar sequência às atividades pedagógicas e promover reflexões e aprendizagens a respeito da cultura digital.

Desafios comunicacionais e alguns caminhos possíveis

Em publicações recentes, o pesquisador Adilson Citelli tem buscado verificar “(...) até onde os andamentos monológicos da linguagem, normalmente associados ao mundo da escola, têm ou não continuidade quando os dispositivos comunicacionais adentram as salas de aula (...)” (CITELLI et al, 2019, p.17). É interessante pensar o papel dos dispositivos comunicacionais na manutenção ou modificação de relações monológicas entre professores e alunos a partir da realidade da interação remota em que os dispositivos não adentram a sala de aula, mas eles possibilitam que uma nova sala de aula exista.

Computadores, tablets e celulares viraram ferramentas de trabalho diário dos professores, substituindo a lousa, os livros e os papéis impressos do dia para a noite. Essa substituição não foi desejada ou planejada. Dessa forma, muitos desafios comunicacionais se impuseram aos docentes na relação com instituições, famílias e alunos. Nesta seção, vamos analisar alguns destes desafios presentes nas escolas, cujos os alunos têm acesso às telas, com base nas experiências vividas pelas autoras, como mãe e educadora de crianças de Educação Infantil¹¹ e pesquisadoras da área de educomunicação.

Instituições de renome, como o Instituto Alana¹², já se posicionaram relativizando a máxima com relação ao tempo de tela em que as crianças estão expostas no período de aulas remotas. A Sociedade Nacional de Pediatria¹³ traz indicativos importantes sobre o

¹¹ Roberta e Tatiana são, respectivamente, mãe e educadora de crianças de Educação Infantil em escolas particulares na cidade de São Paulo - SP.

¹² Manifestações do Instituto Alana sobre a temática disponíveis em: <<https://alana.org.br/infancia-e-tecnologia-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em 03 de out de 2020.

¹³ Publicação da sociedade Nacional de Pediatria disponível em: <[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient - MenosTelas MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient-MenosTelas-MaisSaude.pdf)>. Acesso em 03 de out. de 2020.

uso saudável das telas com relação aos processos cognitivos das crianças, mas em um contexto de educação remota, recomendações estão sendo reestruturadas. Segundo o Alana, o comportamento da criança em frente a tela e o tipo de material que ela tem acesso são fatores mais importantes do que a duração da atividade.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa são as interações e a brincadeira. O corpo todo, os objetos, a relação física com crianças e com outros adultos de referência, além da família, são de extrema importância, sem dúvida. Mas como não é possível lançar mão desses recursos durante a pandemia, como se utilizar das mídias e TDIC para interagir e brincar com os alunos?

As videoconferências são oportunidades importantes para interação das crianças entre si e com os professores, além disso, se configuram como um espaço de grande potencial para se trabalhar a oralidade dos alunos. Porém, para que isso aconteça, são necessárias estratégias comunicativas que garantam turnos de fala alternados, com espaços para que as crianças se coloquem, respeitando e organizando o tempo de compreensão e fala de cada uma. Para assegurar os turnos, não se faz necessário o controle total dos microfones pelos professores, mas o estabelecimento de combinados com os alunos. Essa é uma excelente oportunidade de educá-las para o uso das mídias, explicando a importância de compartilhar espaços, incluindo os virtuais, respeitando o momento de participação dos envolvidos. Outro aspecto é formá-las para fazer o uso da ferramenta de videoconferência utilizada para as aulas, visando conquista de autonomia e o letramento digital. Outro aspecto importante de educar para o uso da ferramenta de videoconferências abarca também o aprendizado sobre a diferenciação entre o espaço público e o privado. Pois, quando estão na escola, as crianças compartilham do mesmo espaço, o qual é povoado por sons, mobiliário e pessoas comuns a toda a classe. Já em um encontro síncrono digitalmente mediado, cada criança e professor encontra-se em sua casa, no seu espaço privado, e cabe à criança e também ao adulto, refletirem sobre o que querem ou não compartilhar. O que é intimidade? Um local mais silencioso e iluminado será melhor para participar do encontro? Essas e outras reflexões podem ser feitas com as crianças ajudando-as a pensarem sobre como melhorar o cenário comunicativo das aulas/encontros e entenderem as diferenças do espaço público e do privado. Aos poucos, podem ser levantadas questões sobre a internet como espaço público também. Por exemplo, é

diferente mandar um vídeo para a professora e postar esse vídeo em uma rede social. Quem tem acesso ao vídeo em cada uma das situações?

Algumas possibilidades aqui compartilhadas contribuem para a formação de um ecossistema comunicativo aberto e criativo nos encontros virtuais, de modo que todos os sujeitos sejam envolvidos e ativos no processo de descobertas, objetivando uma aprendizagem significativa.

Como afirma o autor David Buckingham (2010),

(...) o que precisamos discutir não é tanto se deveríamos proteger as crianças dos males que as mídias poderão infringir a elas, mas, ao contrário, como as mídias poderiam preparar as crianças mais efetivamente para as responsabilidades da cidadania adulta - ou mesmo habilitá-las a intervir nas decisões políticas que governam sua vida de criança (2010, p. 245).

É preciso, claro, adaptar tal expectativa apresentada por Buckingham às diferentes faixas-etárias. No caso das crianças da Educação Infantil, espera-se, nesse momento, que elas sejam contextualizadas nas ferramentas que estão utilizando e reflitam, dentro de seus limites e possibilidades, sobre o que consomem e o que produzem em termos de mídia e comunicação digitalmente mediada.

No entanto, temos diversos desafios, pois nem sempre as famílias terão acesso a conexão de qualidade e a dispositivos que garantam a participação das crianças nos encontros síncronos. Por esse motivo, e pela questão anteriormente abordada - sobre mimetizar o modelo presencial no remoto - é preciso investir em propostas que também utilizem as tão conhecidas ferramentas de ensino assíncronas, tais como livros, filmes, músicas, cadernos de desenho, brinquedos, atividades físicas etc. Sejam elas postadas em ambientes virtuais de aprendizagem, enviadas via aplicativos de mensagens ou entregues impressas em papel. Essas propostas são oportunidades de estimular a movimentação física das crianças, que se encontram reclusas em suas casas.

Convidar as crianças a produzirem com as TDIC e refletirem sobre suas produções é um caminho para uma educação que supera o tecnicismo e semeia uma cultura digital participativa, no qual os pequenos aprendizes não são concebidos como meros espectadores, e sim, como agentes participativos. Utilizar áudio e vídeo, por exemplo, para registrar suas observações e descobertas pode ser uma possibilidade. Além disso, mostra-se relevante considerar o aprendizado proporcionado pelos meios de comunicação presentes no contexto familiar (como noticiários na televisão) para trabalhar temáticas

atuais com as crianças, pois, é importante que elas entendam o motivo de não estarem indo à escola, o porquê do uso da máscara, do álcool gel, do distanciamento social etc.

Tendo em vista os dados trazidos pela Fundação Carlos Chagas e pelo Instituto Península sobre a aproximação das famílias nesse momento de educação remota, faz-se necessário lembrar da importância do diálogo escola-família. Cada criança enfrenta e sofre as consequências do isolamento social de uma forma diferente, portanto, o elo estabelecido entre pais e escola durante esse processo permite que os docentes possam entender melhor o contexto dos alunos e que alinhem estratégias em parceria.

Segundo a BNCC, “Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo”. Pensar no cuidado remoto é realmente um desafio. Ele passa pelo entendimento de que atrás de cada tela tem uma criança com seus anseios, medos, expectativas e percepções sobre o momento. Para isso, a estratégia de realizar produções audiovisuais tendo as crianças como interlocutoras se mostra importante para manter o vínculo com os pequenos. Mesmo que os vídeos/áudios sejam enviados às famílias, é importante que as crianças possam ter a possibilidade de interpretar por si as propostas, sem dependerem da mediação da família em todos os momentos. Outra atitude que demonstra empatia com as crianças é o recebimento de cada uma no encontro virtual (videoconferência) chamando-as pelo nome e mostrando a importância de tê-las no grupo. Assim como em sala de aula presencial é ensinado aos alunos que cuidem dos materiais e pertences pessoais e coletivos, a mesma dinâmica pode ser aplicada, por exemplo, ao dispositivo utilizado nas aulas (tablets, notebooks, celulares), questões sobre o que acontecerá se derrubarem o aparelho em que o encontro está acontecendo, serão importantes para a compreensão de que não se trata de um brinquedo, e sim, de um instrumento de estudo e trabalho. Além disso, oferecer *feedback* para as atividades realizadas continua sendo importante, assim como no presencial.

Não resta dúvidas sobre o tamanho do desafio que docentes e equipes escolares estão enfrentando para manter as interações, as brincadeiras e o cuidado com as crianças de Educação Infantil. Desafio este compartilhado com as famílias, que remodelam suas rotinas de trabalho para atuarem como mediadores na relação escola-aluno. O momento, no entanto, oferece algumas oportunidades valiosas de trabalho com as crianças. É possível enfrentar tais desafios, não sem perdas, mas com ganhos no trabalho com oralidade, cultura digital e empatia, como tentamos mostrar nesta seção do artigo.

Considerações finais

Buscamos neste artigo analisar a educação remota com foco na Educação Infantil, a partir de um recorte de pesquisas nacionais. Podemos ousar dizer que muitas das questões apontadas não se tratam de consequências exclusivas do cenário imposto pela Covid-19, e sim, de um sistema educacional que - em pleno século XXI - não criou alicerces possíveis para o uso sistematizado das tecnologias na educação e da reflexão sobre ela. Como as pesquisas nos apontam, a educação remota apresenta desafios para todos os atores envolvidos: escola, professores, alunos e famílias. Nesse sentido, procuramos trazer algumas possibilidades de enfrentamento dos desafios comunicativos a partir da educomunicação e das experiências das autoras.

A forçada reinvenção da prática escolar em 2020 tem deixado reflexões sobre qual o papel da educação para os meios digitais e o quanto não podemos voltar para as salas de aula presenciais visando restabelecer o modelo de aula que antecedeu à pandemia. As ponderações aqui propostas reconhecem que como docentes precisamos aprender a usar as mídias e refletir sobre elas para gerar equidade e qualidade nas experiências de aprendizado; apontamos para a necessidade de as escolas assumirem que um currículo escolar precisa abarcar com seriedade a educação midiática para formar cidadãos digitais, e não apenas usuários; e espera-se que as famílias estejam compreendendo a importância da parceria escola-família e da imensa responsabilidade que os professores assumem ao trabalharem, sobretudo, com crianças da Educação Infantil; e por fim, talvez com essas novas experiências, o alunado tenha descoberto novas salas de aula e novas formas de comunicação e experimentado novas linguagens e formas de expressão.

REFERÊNCIAS

ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Pesquisa sobre ensino remoto na Educação Básica.** Disponível em: <http://abed.org.br/arquivos/Pesquisa_Educacao_Basica_ABED_Casagrande.pdf>. Acesso em 04 de out de 2020.

BONILLA-DEL-RIO, M., GARCÍA-RUÍZ, R., y PÉREZ RODRÍGUEZ M. A.r (2018). **La educomunicación como reto para la educación inclusiva.** EDMETIC, Revista de Educación Mediática y TIC, 7(1), 66-85. doi: <https://doi.org/10.21071/edmetic.v7i1.10029> Acesso em 03 de out. de 2020.

BUCKINGHAM, D. **Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização**. Educação & Realidade, v. 35, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077>>. Acesso em 03 de out. de 2020.

BACCEGA, M. A. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. In: CITELLI, A.; COSTA, M.C.C. (orgs) Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.
BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília:MEC/SEB, 2017. BASE. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em 05 de out. de 2020.

CITELLI, A. O.; SOARES, I. de O.; LOPES, M. I. V. de. **Educomunicação: referências para uma construção metodológica**. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em: 1 out. 2020.

CITELLI, A. O; COSTA, C. C. (org.) **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.

CITELLI, A. (org.) **Educomunicação: comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção educomunicação).

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação escolar em tempos de pandemia**. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>>. Acesso em 26 de set. de 2020.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil**. Disponível em: <<https://institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil/>>. Acesso em 12 de set. de 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MILL, D., PIMENTEL, N (orgs). **Educação a distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018 [livro eletrônico] / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALES, H. L.; SALES, C. M. C. F.; CARDOSO, A. D. **Utopia ou Distopia Brasileira: Origens e Reflexões**. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 2, p. 33-43, 2020.

SOARES, I. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

VALENTE, A. **O papel da interação e as diferentes abordagens pedagógica de educação a**

distância. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. *Educação a distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.